



PODER

Manifestação na Avenida Paulista com Bolsonaro foi palco de união da direita e de cobranças ao presidente da Câmara, que tem ignorado PL da Anistia para evitar se indispor com STF e Lula. Para governistas, pressão terá efeito contrário

Ato cobra Hugo Motta

» ISRAEL MEDEIROS
» FERNANDA STRICKLAND

Em mais um capítulo da saga para livrar o ex-presidente Jair Bolsonaro de uma eventual prisão por tentativa de golpe de Estado, a oposição reuniu milhares de pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo, ontem. Os discursos em prol dos presos pelo 8 de janeiro de 2023 seguiram o roteiro dos atos anteriores, com direito a críticas ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, mas o que se viu foi um aumento das cobranças em cima do presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), que tem evitado pautar o tema para evitar se indispor com o STF e com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

O deputado Altineu Côrtes (PL-RJ), vice-presidente da Câmara, foi um dos que pressionaram Motta. “Eu vou me ater a uma pauta fundamental para todos nós: a pauta da justiça, que o presidente Bolsonaro, que o pastor Silas, que o presidente Valdemar Costa Neto, e que todos nós estamos aqui para defender: a pauta da anistia. O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta, ele é um presidente que vai ser pautado pela maioria da Câmara.”

Já o pastor evangélico Silas Malafaia, aliado de Bolsonaro e organizador do ato, não poupou críticas ao presidente da Casa. “Se Hugo Motta está assistindo isso aqui, que ele mude. Porque você, Hugo Motta, está envergonhando o povo da Paraíba”, disse o religioso no alto do trio elétrico.

Quando tomou a palavra, Bolsonaro disse que os governistas “já perderam a guerra” da anistia. “A grande maioria do povo brasileiro entende as injustiças e agora se socorre da nossa Câmara Federal, do Senado Federal para fazer justiça. E a anistia é competência privativa do Congresso. Caso eles votem, o projeto seja sancionado ou promulgado no caso de veto, vale a anistia”, disse. Em determinado momento, o político tentou ler um breve discurso em inglês para falar da situação de alguns dos presos do 8 de janeiro para, segundo ele, “mandar uma mensagem para o mundo”. A falta de habilidade na pronúncia rendeu uma enxurrada de memes nas redes sociais.

O ex-presidente, que é réu por tentativa de golpe de Estado, negou também ter havido uma tentativa de ruptura democrática no fim de 2022 e afirmou que o verdadeiro

golpe foi a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas urnas. “O golpe deles só não foi perfeito porque em 30 de dezembro eu saí do Brasil. Algo me avisou (disse, apontando para o alto) que alguma coisa ia acontecer. Se eu estivesse no Brasil, seria preso na noite de 8 de janeiro. E estaria apodrecendo na cadeia até hoje ou até mesmo assassinado por esses mesmos que botaram esse vagabundo na Presidência”, afirmou.

Sobre 2026, Bolsonaro mudou o tom sobre a Justiça Eleitoral. Disse aos seus apoiadores que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) terá no próximo ano um perfil “completamente de isenção” — o presidente será o ministro Nunes Marques, indicado por ele ao Supremo Tribunal Federal (STF) em 2020 — e que será possível confiar no resultado da eleição.

Tiro no pé

Para os governistas, a estratégia de aliados do ex-presidente de encerrar Motta sairá pela culatra. A análise é de que, se o presidente da Câmara havia deixado claro que não cederia fácil, não o fará depois de ser insultado publicamente na Paulista. “Os ataques ao presidente Hugo Motta foram um tiro no pé para os defensores do PL da anistia. Alguém acha mesmo que o presidente vai pautar esse PL depois desses ataques? Claro que não. Agora é que ele não pauta mesmo”, disse o líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (PT-RJ), em seu perfil no X.

“Foram muitas mentiras e só uma verdade: 56% são contra a anistia; 67% não querem que Bolsonaro seja candidato; Lula vence em todos os cenários e o ex-presidente é o político mais rejeitado do país”, disse Lindbergh, ao citar números das últimas pesquisas Quaest e Datafolha.

Além dos congressistas que estão engajados em pautar a anistia no Legislativo, Bolsonaro reuniu também sete governadores, alguns deles de olho no posto de candidato da direita à Presidência em 2026, como Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), Romeu Zema (Novo-MG), Ratinho Júnior (PSD-PR) e Ronaldo Caiado (União Brasil-GO).

Segundo pesquisa Datafolha divulgada no sábado, nenhum deles venceria Lula se a eleição fosse hoje. Também participaram os governadores Jorginho Mello (PL-SC); Mauro Mendes (União Brasil-MT) e Wilson Lima (União Brasil-AM).

Reprodução/Redes sociais



Bolsonaro se reuniu com 7 governadores antes de subir ao trio

Miguel Schincariol/AFP



Segundo a USP, 45 mil pessoas marcaram presença na manifestação

reprodução redes sociais



Batom virou símbolo do ato bolsonarista pela anistia em São Paulo

Ricardo Stuckert / PR



Petista fez um balanço das suas ações na semana passada, em evento com tom eleitoral

Análise

Demonstração de força da direita

» DENISE ROTHENBURG

A manifestação na Avenida Paulista nesse domingo serviu para que os bolsonaristas começassem a alinhar um acordo de cavalheiros com os governadores interessados em concorrer ao Planalto nos seguintes termos: vocês, gestores estaduais, ajudam a levar adiante a proposta de anistia aos acusados pelo quebra-quebra de 8 de janeiro de 2023, reforçando o discurso de que não houve golpe de Estado, e, lá na frente, se continuar inegável, o ex-presidente Jair Bolsonaro apoiará quem estiver mais condições de vencer Luiz Inácio Lula da Silva. E mais: ficou claro para muitos presentes ao ato — e, inclusive, para quem não foi e nem apoia Bolsonaro — que o ato foi uma demonstração de força da direita brasileira que, se conseguir praticar a união que promoveu ontem, dificultará e muito a vida de Lula na campanha reeleitoral.

Esses acertos, porém, estão longe de serem cumpridos. Os governadores não têm o domínio das bancadas na Câmara para forçar uma união geral pela anistia. Tentarão, a partir de agora, buscar esses votos no varejo. Jair Bolsonaro, por sua vez, ciente da sua força política, não escolheu nem tão cedo um nome a apoiar para 2026. Ele se mantém como “o candidato” e continuará assim, pela menos, até o fim de 2025. E a depender do cenário, nem no fim do ano o ex-presidente abrirá mão de uma potencial candidatura para apoiar um outro nome. O receio de alguns bolsonaristas mais fiéis é que o capitão termine perdendo protagonismo, caso desista de concorrer para apoiar um aliado.

Por último, a sonhada união dos partidos de direita está longe de ocorrer na prática. O mais próximo dessa união hoje é o projeto de federação entre União Brasil, presidido por Antônio Rueda, e o PP, comandado pelo senador Ciro Nogueira. Na hipótese de Bolsonaro não se apresentar como candidato, a tendência é uma profusão de candidatos que se unirão apenas no segundo turno, e olhe lá.

Dos sete governadores presentes ontem, pelo menos quatro são considerados no páreo de 2026. O de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), o de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), que, inclusive, o ex-presidente lançou oficialmente uma pré-candidatura, o de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), e o do Paraná, Ratinho Jr. Se tem um consenso entre os conservadores, é que, a preços de hoje, Jair Bolsonaro aglutina os votos da direita e terá mais chances de sucesso quem atrair o fiel eleitoral do ex-presidente. Tarcísio, por exemplo, chegou a puxar um “volta Bolsonaro” em sua fala na Paulista. E, de todos os potenciais candidatos ao Planalto com viés de direita, foi o único a quem o ex-presidente derramou elogios e a quem Michelle Bolsonaro chamou de “melhor ministro” do governo do marido.

Se quiser Tarcísio como o representante do seu time na corrida eleitoral de 2026 ao Planalto, o ex-presidente terá que tomar uma decisão ainda este ano. Isso porque Tarcísio precisaria preparar a própria sucessão em São Paulo, onde os conservadores têm uma profusão de nomes: do prefeito Ricardo Nunes (MDB) ao presidente do PSD, Gilberto Kassab, passando o secretário de Segurança Pública, Guilherme Derrite (PL). Diante de tantos ensaios políticos, o ato terminou mantendo todos em campo e pontes abertas. Porém, ainda estamos muito longe do desfecho desta temporada, seja para a anistia, seja para a definição de candidatos.

Lula freia queda de popularidade

» VICTOR CORREIA

Depois de quase dois meses lutando para reverter a queda sucessiva nos índices de popularidade de olho em 2026, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva comemorou no fim de semana os números do Datafolha, que mostrou uma melhora no índice de aprovação do presidente. A porcentagem daqueles que consideram o governo ruim ou péssimo caiu de 41% em fevereiro para 38% no levantamento feito no início de abril. Embora aliados estejam dizendo que a pesquisa marca o início de uma tendência de virada, o caminho ainda é longo para o petista.

A desaprovção ao governo ainda supera a aprovação, que aumentou de 24% para 29%. O Planalto sofre as consequências da crise que começou com a onda de desinformação de parte da oposição sobre o Pix e se intensificou com a inflação dos alimentos. Lula vive o pior momento de seus três mandatos, em termos de aprovação, mesmo tendo enfrentado escândalos, como o Mensalão e o Petrolão. Segundo analistas ouvidos pelo Correio,

o governo erra ao apostar em “mais do mesmo” para resolver a popularidade, enquanto deveria apresentar novas políticas públicas, que sejam efetivas. O cenário de desgaste preocupa aliados do governo, e dá mais espaço para que a oposição tente avançar de olho em 2026.

Prova da estratégia equivocada foi o evento organizado pelo Planalto na semana passada em Brasília. Com tom eleitoral, a equipe de Lula se desdobrou para dar ares de novidade a diversas ações já anunciadas. Nos bastidores, integrantes do Executivo e aliados falavam da cerimônia como uma virada de chave para a gestão. Internamente, a avaliação é que as medidas já colocadas em prática são positivas, mas são desconhecidas pela população, e que basta divulgar melhor para ver resultados. Porém, no dia da solenidade, o ministro da Secretaria de Comunicação Social, Sidônio Palmeira, tentou distanciar a cerimônia da popularidade.

“O meu trabalho não é estar aqui para discutir a popularidade do presidente ou do governo. O meu trabalho, essencialmente, é informar a população sobre isso

e demonstrar essas ações”, disse o ministro. Ao ser questionado por uma jornalista sobre o papel da comunicação do governo na queda de popularidade, Sidônio cometeu um ato falho e disse que a culpa é de todos os ministros. “Não tem nada de eu me sentar de impopularidade. Zero. Eu acho que a impopularidade tem responsabilidade de todos os ministros. Todas as áreas, a área política, gestão, comunicação, todo mundo”, disse.

A falha foi explorada pela oposição nas redes sociais. “Quando o governo é uma porcaria, ninguém segura a peteca! Será que foi o Lula quem mandou colocar a culpa nos ministros? Daqui a pouco, até os próprios ministros do Lula vão pedir: ‘volta, Bolsonaro!’”, disse em seu perfil do X o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Ao Correio, o deputado Marcel Van Hattem (Novo-RS), que faz oposição ao governo na Câmara, diz que a queda de popularidade de Lula não surpreende porque o Planalto está “cada vez mais desconectado da realidade do povo brasileiro”. “Promessas não cumpridas, inflação nas alturas, gastos

exorbitantes e uma gestão que já se mostrou ineficaz. O que vemos é um desgaste inevitável de Lula que, em vez de ouvir as ruas, insiste em seguir por um caminho de autoritarismo e desgoverno. O povo brasileiro merece mais do que isso”, pontua.

Já o deputado Alencar Santana (PT-SP), alinhado ao governo, diz que as diversas políticas públicas do governo serão reconhecidas pela população. Para ele, a popularidade do presidente voltará a subir. “O governo Lula criou ao longo desse tempo políticas públicas novas, como o Desenrola, como o Pé-de-Meia. E agora, a isenção até

R\$5 mil do Imposto de Renda, lembrando que quem já ganha R\$2 mil também será isentado. Também criou políticas que foram destruídas no governo anterior, como o Minha Casa, Minha Vida, o Mais Médicos, o aumento real do salário mínimo acima da inflação, o novo Bolsa Família, entre tantas outras coisas, como o PAC”, elenca.

Sem novidades

A professora de Ciência Política da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Luciana Santana destaca que a grande maioria das ações divulgadas durante o evento de

quinta-feira são repaginadas dos dois primeiros mandatos, como o Bolsa Família, o Minha Casa Minha Vida e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que não têm o mesmo impacto na popularidade que tiveram entre 2003 e 2011. Para a cientista, o governo tem que apostar em novas políticas que tenham efeitos concretos na vida dos eleitores, mesmo os que rejeitam Lula.

Para o advogado e cientista político Nauê Bernard, Lula precisa mostrar para a população que possui um plano capaz de reverter os problemas que mais preocupam os brasileiros, como a recuperação do poder de compra, diminuindo o preço dos alimentos e dos combustíveis, e a segurança pública. “Se a população não percebe mudanças, melhoras no dia a dia, a tendência é inercial. Então, a queda vai continuar acontecendo, exatamente porque, por um lado, você tem uma oposição firme, que consegue reverter bastante o discurso crítico, e por outro uma falta de sensação de melhora”, avalia. (IM)